

Arquitetura e sustentabilidade



Foto: D. Augusto

Foto: C. Abreu/Agf

Siegbert Zanettini

Arquiteto Urbanista e Professor Titular pela FNU-USP. Proprietário da Zanettini Arquitetura, com mais de 50 anos de atuação profissional. Sua obra inclui 1.200 projetos realizados em mais de 5 milhões de metros quadrados, além de quatro décadas de vida dedicadas ao conhecimento acadêmico.

www.zanettini.com.br

(11) 3849-0394

O desgaste da arquitetura moderna e a superficialidade da arquitetura pós-moderna, para a qual se podia preconizar um curto prazo de duração, mas que permaneceu como resíduo em propostas isoladas, despertaram a hipótese de estruturar uma ideia de contemporaneidade na arquitetura.

Diversas questões ao longo da trajetória intelectual e profissional vinham sendo experimentadas e davam força à ideia. Um espectro amplo de referências apontava uma parte desse caminho. Nos mais variados campos, nas ciências biológicas e ambientais, na área das exatas, nos campos da

“O uso de novas tecnologias, visando a uma produção mais controlada por processos industrializados, deveria fazer do canteiro de obras o local de montagem”

eletrônica e da tecnologia surgiam avanços notáveis. Nas áreas humanas, as contribuições da antropologia, da arqueologia histórica e da arquitetura eram animadoras.

A arquitetura não mais se limitava a tomar, como área de domínio, a questão do espaço e da estética da forma. A necessidade crescente, imposta pela realidade, de mudar de dimensão com uma abordagem sistêmica da cultura material e das formas de produção, colocava novas exigências no atendimento às demandas individuais e coletivas. Esse aumento na complexidade do conhecimento vem incentivando uma crescente contribuição interdisciplinar.

Como decorrência, temos que promover a “re-união” de arquitetos, engenheiros e tecnólogos numa formação e num trabalho mais interativo, face à constatação irrefutável de que essas áreas tratam de um mesmo objeto.

As recentes contribuições sobre a noção de lugar e a tomada de consciência da questão ambiental, natural e construída, explicitam a noção de território. Cultura e territorialidade são heranças e também relações profundas do homem com o meio. Daí, definem-se formas próprias e contornos físicos claros que marcam a condição de nacionalidade como herança de modos de vida e de tradições locais e de internacionalidade enquanto visão de mundo, conceitos aqui emprestados do professor Milton Santos, geógrafo brasileiro.

Começamos a expor as exigências crescentes e cada vez mais instrumentalizadas traduzidas em proteções, garantias, certificações, homologações, normas, que garantam qualidade, desempenho, durabilidade, economia e resguardem a integridade do produto, seja edificação ou objeto. A gradativa utilização de tecnologias limpas avançou no sentido de diminuir a poluição, sonora e atmosférica, com menos desperdício e menos agressão ao meio ambiente.

No entanto, os contextos econômicos e políticos vigentes na maioria dos países dão aos arquitetos múltiplas razões para se inquietar com o futuro, quando se constata uma tomada de consciência, engrandecendo a importância da qualidade da construção que entrava a realização de um número mais elevado de projetos inovadores. Esse procedimento que vem ocorrendo na Europa, no Brasil nos acompanha há, pelo menos, quatro décadas, com uma arquitetura

que, em termos de renovação e qualidade construtiva, deixa muito a desejar.

O uso de novas tecnologias, visando a uma produção mais controlada por processos industrializados, deveria fazer do canteiro de obras o local de montagem. Isso implica numa abordagem sistêmica e planejada de todo o ciclo produtivo da obra. Assim não haveria improvisos ou soluções de obra, como ocorre com frequência. Daí, outro aspecto a destacar: a importância do projeto na explicitação da noção de qualidade na cadeia produtiva da construção civil.

Outro ponto a ressaltar na questão da contemporaneidade é que cada intervenção no espaço deve se adequar ao conhecimento estruturado das ciências humanas. Não se consegue imprimir uma visão prospectiva e de futuro para a arquitetura sem o conhecimento histórico das experiências formais e espaciais do passado, ligadas à paulatina evolução das técnicas.

Imprimir ao projeto a visão de processo que nunca se esgota, com o contínuo aprimoramento das linguagens arquitetônicas no uso das tecnologias do concreto, do aço, da madeira, da alvenaria estrutural, da argamassa armada, do solo-cimento e outras tantas, cada uma apropriada às condições de trabalho estrutural, às circunstâncias de como se dá a produção de cada sistema em cada região, objetivando a melhor relação entre custo e benefício, surge como outro procedimento contemporâneo.

Um aspecto que une as experiências arquitetônicas contemporâneas é a liberdade que cada arquiteto imprime à obra o que caracteriza as diferenças que toda obra de arte deve ter para expressar a individualidade do criador.

Outra característica estrutural da visão contemporânea da arquitetura está na conjunção de questões interagentes que ocorrem na produção da arquitetura – homem, lugar, uso, medida, ambiente, técnica, matéria, ciência e tecnologia – com o conjunto de variáveis do mundo sensível das idéias e da criação, em constante busca da essência, do equilíbrio, do duradouro, com o permanente desafio da busca de excelência estética, econômica e construtiva e



Foto: R. Adigro

“

Uma arquitetura que deve ser aberta e livre de barreiras à acessibilidade de pessoas, e com ambientes preocupados com a segurança do usuário”

no atendimento às satisfações físicas e psíquicas dos indivíduos.

Ao colocar esta análise da arquitetura brasileira que trata da sustentabilidade do projeto urbano às edificações, vale um alerta: não devemos confundir a oportunidade do assunto que precisa ser aprofundado para que a construção atinja um elevado nível técnico e estético, com o oportunismo de utilizar a questão da sustentabilidade como objetivo de marketing e de promoção de vendas.

A arquitetura contemporânea se apoia em fundamentos que incluem questões sobre eco-eficiência, sustentabilidade, utilização de condições climáticas naturais, incorporação de novas formas de energia, interação com os contextos construídos e naturais, reúso de águas servidas, tecnologias limpas, preocupações com seu uso, operação e manutenção, reciclagem dos materiais e uma relação custo-benefício equilibrada, entre outros aspectos relevantes.

Uma arquitetura que deve ser aberta e livre de barreiras à acessibilidade de pessoas, e com ambientes preocupados com a segurança do usuário. O sombreamento adequado pelo verde interno e circundante cria ambientação e visual agradáveis, integrando paisagismo e arquitetura para a obtenção de soluções naturais que resultam em uma importante contribuição para um micro clima desejável.

Aberturas estrategicamente situadas aproveitam os ventos predominantes e, por efeito chaminé, saem por aberturas opostas, criando ambientes ventilados naturalmente para melhores condições de conforto, aspecto otimizado com painéis termo-acústicos, brises ou tecidos sombreadores como bloqueadores do calor e do ruído e paramentos externos adequados para dispersar a reflexão e a reverberação acústicas.

A arquitetura com base na produção industrializada como o mais completo sistema estrutural de tecnologia limpa, com total controle de qualidade, com precisão dimensional milimétrica, evitando sobras e desperdícios, possibilita reutilização e alto grau de reciclagem. Por essas razões, cada sistema construtivo exige planejamento e projetos bem conceituados e desenvolvidos e induz esses procedimentos para o canteiro de obras, que passa a ser local de montagem em substituição aos sistemas convencionais de construção. Vale ressaltar que essas qualidades podem e devem ser estendidas a todos os sistemas estruturais – aço, concreto, madeira, alvenaria estrutural, plásticos e membranas têxteis. Para isso, será necessário ter pleno conhecimento das propriedades de cada um com linguagens próprias e concepção, produção e desempenho adequados a cada tipologia arquitetônica.

A arquitetura deve levar em conta conceitos que precedem o projeto e se apoiam sobre fundamentos contemporâneos. Podemos destacar alguns: as visões sistêmica e cultural que alimentam o projeto de arquitetura; a concepção multidisciplinar, eco-eficiente e sócio-sustentável; a questão ambiental como parte estrutural do repertório arquitetônico; o respeito ao dimensionamento dos espaços e às suas exigências, com flexibilidade para expansões ou alterações; a superação de paradigmas conceituais e construtivos, adequados à cultura de cada época; o domínio integral de tecnologias limpas; a utilização evolutiva do conhecimento de base científica; a busca permanente de avanços tecnológicos e estéticos deste século do “intelecto e da criação”, da arquitetura como obra de arte, mas com a razão sempre cúmplice da sensibilidade. ●